

## NO PARAÍSO

A história começa com absoluta genialidade.

“Faça-se a luz” e a luz se fez.

Séculos de pesquisa científica e o homem, a partir de equações matemáticas e suas interpretações desenvolve a Teoria das Cordas e a humanidade, através dos cientistas de ponta, entende que tudo começou com aluz, pois a matéria resulta de vibrações eletromagnéticas de filetes energéticos, sendo, por consequência, filha da luz.

Aí, cria o Senhor o paraíso: lugar maravilhoso, de tranquilidade, clima agradabilíssimo, paz, harmonia entre as espécies, momento em que o biógrafo do criador e historiador da criação literalmente viajou no tempo, narrando que os primeiros animais que povoaram a terra correspondem às mesmas espécies de hoje. Pobres dinossauros, esquecidos. Hoje, sabidamente, extintos.

Saltos quânticos na dimensão do tempo à parte, vamos aos principais atores do drama do paraíso: Adão e Eva.

Deu-lhes o Senhor o paraíso como habitat. Por ali, sem qualquer tipo de preocupação e, também sem qualquer possibilidade de mudança na história, vagaria o casal primitivo, com tudo à sua disposição.

Os biógrafos tradicionais, que viviam juntos e separados do casal ao mesmo tempo – não me perguntem onde, talvez num universo paralelo, com outra escala temporal e liberdade para ir e vir nos *worm holes* -, em sua maioria, são concordes em afirmar que o Senhor tudo permitia ao casal.

Era o casal, se não proprietário, usufrutuário do paraíso, com uma única proibição: comer do fruto da árvore proibida. Ao mais versados na tradução do paradísês entendem que o nome exato da árvore seria *árvore do bem e do mal*.

Eva e Adão não tinham a menor noção do que seria o bem e o mal. A descoberta, segundo mais tarde se evidenciou, só ficaria realizada para quem comesse o fruto da árvore, ou, como prefeririam os arcadistas, para quem comesse *do fruto da árvore*.

Parece que esse *do*, tradicionalmente empregado, indica o conteúdo comportamental do fruto; um conteúdo não físico, não objetivo em si mesmo, mas transmissível como conhecimento a quem comesse o fruto.

Eva, em suas caminhadas noturnas, gozando o clima paradisíaco do paraíso, – com perdão da redundância -, tinha, por vezes, estranhas visões que não sabia bem interpretar. Algumas dessas visões traziam-lhe, por intuição, sensações agradáveis, enquanto outras aportavam um quê de tristeza e até mesmo de indignação. Seria talvez um vislumbre de avanços civilizatórios e de guerras, de mensagens proferidas por arautos da paz ou por mensageiros do ódio; enfim, coisas que somente muitos anos ou séculos mais tarde poderiam ser interpretadas.

Poderiam? Seriam acaso aquelas sensações de felicidade ou mágoa diante de visões do futuro algo exclusivamente inteligível através do conhecimento do bem e do mal, entendimento somente alcançável por quem comesse do fruto proibido?

Desagradariam ao Criador se o fizessem. Desagradariam? E se não o fizessem, jamais teriam uma consciência ética? Mas a consciência ética seria vantajosa? Não traria em seu bojo a necessidade de dizer sim a alguns impulsos, mas não a outros?

A escolha era difícil, mas as consequências se tornavam mais e mais previsíveis, não no sentido de serem explícitas – de explícito havia apenas a proibição do criador

-, mas no sentido de saber o que eram as emoções intuídas por Eva relativamente a sentir-se bem ou mal diante de certas visões que seriam do futuro. E falando no devir, um futuro determinístico, de um homem mero espectador do universo, ou um futuro probabilístico, desenhando-se a partir da vontade e da ação do homem, então não mais o bichinho de estimação preferido dos anjos, mas um coconstrutor do amanhã, com todas as responsabilidades inerentes? Mas o que era exatamente ter responsabilidade?

Ninguém no paraíso sabia, mas talvez houvesse uma única maneira de saber. Mas valeria a pena a desobediência e o enfrentamento de uma possível fúria do Criador?

Foi um longo tempo, numa escala completamente distinta da atual, de troca de ideias entre o casal. Às vezes, dominava o plano decisório uma reação antidogmática do tipo: Por que se submeter a uma proibição imotivada? Noutras ocasiões, parecia predominar a ideia de conforto, de não mexer no modelo, de não contrariar o paradigma vigente, de viver um descansar pleno, sem preocupações, mas também sem conquistas.

Por óbvio, terminaria extremamente monótono, principalmente se considerarmos o fato relevante de que o casal não tivera infância, sendo assim carente de uma série de descobertas, o que parece ser a vocação das crianças. O perguntar *por quê?*

E coube a Eva, como mulher, pois as mulheres são sempre mais curiosas, mais buscadoras do progresso e incentivadoras de seus companheiros, incentivar Adão a quebrar paradigmas, a romper cordas, a terminar com o marasmo, comendo o fruto da árvore do bem e do mal.

E se disséssemos: Comendo do fruto... a sabedoria?

A consequência imediata estava predeterminada. Seguiu-se o *script*, e o Criador cumpriu a ameaça. Expulsão do paraíso. Acabou a moleza. Trabalhar para prover o sustento.

Castigo? Pois, para mim, aí reide a sutileza do Criador, que, como Ser infinitamente inteligente, só poderia ser infinitamente sutil. De sua verdadeira intenção, testar a qualidade do produto homem, nem os anjos sabiam.

Falou o Senhor, no ato da expulsão, que o homem ganharia o pão com o suor do seu rosto; que haveria dificuldades, obstáculos, dores, mas, examinando bem, nesse momento da expulsão, conseqüente à desobediência quanto ao fruto proibido, o homem se inseria na *Lei do Progresso*.

O Senhor – e nem aos anjos relatou – ficou feliz pela escolha de suas criaturas.

Provaram elas, através de sua decisão, em que utilizaram o livre-arbítrio, que, de fato, correspondiam à intenção do Criador, que pretendeu, conforme disse, fazê-las à sua imagem e semelhança.

A escolha era: permanecer no paraíso, com uma consciência extremamente limitada, sem a dificuldade que impulsiona o desenvolvimento e o progresso, em estado permanente de dependência, ou acreditar ser capa de construir o próprio destino e questionar a si e ao universo com as perguntas instigadoras da Filosofia.

Não há dúvida de que a escolha foi excelente e agradou ao Senhor. Suas criaturas pensantes, na experiência com o pequeno planeta Terra, haviam optado pela liberdade, pela criatividade, e, principalmente, pela possibilidade de desenvolver as bases da ética.

Se não, vejamos.

O casal raiz não tinha noção do que era o bem e o mal.

A serpente, que não mentiu em toda a sua fala, ao tentar convencer Eva a comer do fruto da árvore proibida, disse: “Deus bem sabe que no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal”.. Está no Gênesis 3-5.

Ora, saber a diferença entre o bem e o mal é exatamente conhecer a ética.

Para um leão, devorar um cordeiro ou uma criança não traz qualquer problema de consciência.

Para o homem, a partir do momento em que decidiu, via fruto proibido e suas propriedades, conhecer o bem e distingui-lo do mal, a diferença é abismal. Passou a existir no conhecimento humano uma das mais importantes noções que devem nortear sua existência: a noção de moral.

Na verdade, podemos concluir, entre lendas e argumentações, que a escolha do primeiro casal foi extremamente adequada. Foi muito importante a opção por comer a *maçã*. Com esse ato, o ser humano adquiriu a possibilidade de ser cocriador, de desenvolver o gênio inventivo, de criar máquinas para superar suas limitações físicas, como a de voar, por exemplo, e aprendeu a valorizar o trabalho.

No paraíso não haveria a necessidade de escolhas éticas, não haveria o monumento à grandeza do espírito humano que foi a Proclamação dos Direitos do Homem e do Cidadão.

A opção pela luta foi a confirmação da semelhança com o Criador, intenção original deste na criação. Sua criatura deveria ter a força suficiente para superar as dificuldades e, como vimos pela história, estaria em permanente contato ou confronto com a ética.

Nesse preciso sentido de ética, devemos entender, para não resvalarmos em direção ao fanatismo em qualquer atividade, que há princípios perenes, mas não imutáveis, quer dizer, não dogmáticos.

Isso significa que os princípios éticos, ou apresentados como tal, não devem ser aceitos, apenas em função do argumento de autoridade, do tipo: “O guru de plantão disse, então é verdade”.

As doutrinas mais avançadas, entre elas a doutrina espírita, propõem uma moral propositiva, em substituição à velha moral impositiva, ou repressiva. Moral cujo eixo de autonomia, segundo Kant, é constituído pela autonomia de vontade.

Quer dizer: Examina bem as proibições que constituem a base da moral repressiva, de religiões e de estados totalitários, em que a maioria dos preceitos começa por “não”, e verifica se esse “não” é um salutar indicativo de conduta, ou uma corda que apenas limita o espaço a ser percorrido.

Voltando à maçã.

A maçã – convencionou-se dizer que era ela o fruto proibido – foi a grande benfeitora da humanidade.

Apesar de ser frequentemente utilizada como artefato de bruxas para prejudicarem seus inimigos, sabe-se que é muito boa para a saúde. Há, até mesmo, o dito inglês: *An apple a day keeps the doctor away*”.

A maçã também ajudou, como que tentando ajudar a recuperar sua imagem detratada, na descoberta da Lei da gravidade”.

E, se a maçã permite distinguir entre o bem e o mal, é possível concluir que quanto mais maçãs comermos, mais clara para nós, humanos, estará a diferença.

Sendo assim, apresentemos logo um projeto de lei, de iniciativa popular, para obrigar os donos do poder a comer muitas maçãs. Vamos brigar para que parte de nossos impostos sejam usados na compra de maçãs, de ingesta obrigatória para os representantes de todos os nossos poderes, e vamos agradecer a intuição e coragem de Eva e Adão, pela noção de ética que já nos foi possível desenvolver, e que certamente inclui a Ética a Nicômaco, de Aristóteles.

Aristóteles presenteou a seu filho um tratado de Ética. Pode haver maior presente? Deus colocou a curiosidade, a vocação para criar, no espírito de Eva e Adão, lançando um desafio sutil, em forma de escolha: conforto sem progresso ou lutar para crescer.

Eva talvez tenha até mesmo inventado o discurso da serpente para impulsionar Adão a uma atitude corajosa. A mulher foi, naquele momento, a mão que cortou a corda; que impulsionou o homem a abdicar do cordão umbilical para prosseguir adiante, mesmo com os sacrifícios inerentes ao atingimento de novas conquistas.

Cortando a corda da proibição, nós, um futuro sempre presente, saímos do cercadinho paradisíaco e partimos para a conquista de um novo mundo, e já ensejamos largos passos para a conquista de outros.

Adquirimos a capacidade de criar, de diferenciar o certo do errado, de buscar a verdade que liberta, sem perder de vista a historicidade da verdade, cuja mutabilidade, em sua conceituação, é um aviso para não adotarmos fanatismos.

Nossa compreensão do universo, da vida, do bem e do mal se altera com nosso ângulo de visão, e se aperfeiçoa na medida em que crescemos na capacidade de ver o todo.

*Do Livro: "Corta a Corda" de Moacir Costa de Araújo Lima*